

Perversão teológica: notas sobre a Teologia Indecente de Marcella Althaus-Reid

(Theological Perversion: Notes on Marcella Althaus-Reid's Indecent Theology)

(Perversion teológica: notas sobre la teología indecente de Marcella Althaus-Reid)

Ana Ester Pádua Freire¹

RESUMO: A análise das relações que se dão entre a religião cristã hegemônica e as dissidentes sexuais e de gênero revela um campo de disputas hermenêuticas, no qual Marcella Althaus-Reid desponta como um dos principais nomes da Teologia Queer da América Latina. O objetivo deste artigo é apresentar a proposta teológica de Marcella Althaus-Reid recorrendo ao seu método de *indecientamiento*, que rompe com a tradição moralizante cristã propondo o que a teóloga nomeia de Teologia Indecente. A aplicabilidade de suas ideias se dará em uma (des)reconstrução da Eucaristia cristã. Conhecer Marcella Althaus-Reid torna-se imperativo diante da irrupção discursiva que se dá em torno dos temas cristianismo, Bíblia e sexualidade.

PALAVRAS-CHAVE: Teologia Queer. Teologia Inclusiva. Cristianismo. Bíblia. Eucaristia.

Abstract: An analysis of the relationship between hegemonic Christian religion and sexual dissidents exposes a number of hermeneutical disputes, of which Marcella Althaus-Reid emerges as a prominent writer of Queer Theology in Latin America. The objective of this article is to present Marcella Althaus-Reid's theological proposal, using her method of *indecientamiento*, which breaks with the Christian moralizing tradition by proposing what the theologian calls Indecent Theology. This article applies her theology to de/reconstruct the Christian Eucharist. Marcella Althaus-Reid's indecent theology is essential when critiquing the interplay between Christianity, the Bible, and sexuality.

Keywords: Queer theology. Inclusive theology. Christianity. Bible. Eucharist.

Resumen: El análisis de las relaciones que tienen lugar entre la religión cristiana hegemónica y los disidentes sexuales revela un campo de disputas hermenéuticas, en el que Marcella Althaus-Reid emerge como uno de los principales nombres de la Teología Queer en América Latina. El objetivo de este artículo es presentar la propuesta teológica de Marcella Althaus-Reid utilizando su método de *indecientamiento*, que rompe con la tradición moralizadora cristiana que propone lo que el teólogo llama Teología Indecente. La aplicabilidad de sus ideas ocurrirá en una des/reconstrucción de la Eucaristía cristiana. Conocer a Marcella Althaus-Reid se vuelve imprescindible frente al estallido discursivo que ocurre en torno a los temas del cristianismo, la Biblia y la sexualidad.

Palabras clave: Teología queer. Teología inclusiva. Cristiandad. Biblia. Eucaristía.

¹ Doutora e mestra em Ciências da Religião pela PUC Minas. E-mail: anaesterbh@gmail.com



1. Introdução

Os Estudos *Queer* têm impactado as produções das Ciências Humanas de maneira pungente nos últimos 40 anos. Com a teologia cristã não é diferente. As tensões entre a polissemia *queer* e o cristianismo hegemônico levaram à produção de outras possibilidades teológicas nas quais hermenêuticas tradicionais foram revistas - e subvertidas - pela inserção de corpos sexualizados no contexto das interpretações bíblicas. O *queer* sistematizado pelo conhecimento teológico ainda é insipiente no Brasil e conta com o pioneirismo de André S. Muszkopf por meio, principalmente, de sua tese doutoral, um dos eventos fundantes para os estudos da Teologia *Queer* no Brasil.

Segundo Muszkopf (2008), existe uma relação entre teologia, academia e movimento social no que diz respeito à categorização do *queer*. Enquanto na teologia havia uma corrente que estudava a homossexualidade, na academia existiam estudos sobre homossexualidade, e, no movimento social, o Movimento Homófilo. Posteriormente, enquanto existia uma teologia gay e lésbica, na academia cresciam os estudos gays e, na sociedade civil, os movimentos de liberação gay. Por fim, quando a teologia pensa uma Teologia *Queer*, na academia fortalecem-se os estudos *queer* como categoria de análise dos processos de categorização social e, na sociedade, o Movimento LGBTI – e suas variáveis.

O cristianismo hegemônico se baseia em uma narrativa colonizadora fundamentada em configurações estáveis e injustas, que desconsideram o ser humano em sua integralidade. As hierarquias dicotômicas do patriarcado cisheterossexual subjugarão - e subjugarão - as dissidências sexuais por meio do cerceamento moral e do uso da categoria do pecado. Nesse contexto, as possibilidades discursivas *queer* propiciam novas relações entre o cristianismo e a sexualidade. Uma das principais teólogas a fazer esse exercício de revisão e subversão das categorias mutiladoras cristãs foi Marcella Althaus-Reid. Sua proposta nomeada Teologia Indecente é um exercício político de transgressão das verdades moralizantes cristãs.

O reconhecimento das disputas de narrativas entre o cristianismo hegemônico e as dissidências sexuais e de gênero não pode desprezar as contribuições da proposta indecente de Marcella Althaus-Reid que construiu caminhos de rejeição das injustiças por meio de ‘perversões teológicas’.



2. Teologia Indecente: teologia sem roupa íntima

Marcella Althaus-Reid, segundo Córdoba Quero (2014), é a “santa de uma espiritualidade sexualmente encarnada”. De acordo com o *LGBTQ Religious Archives Network* (2019), Althaus-Reid nasceu em Rosário, na Argentina, em 1952, e é a principal teóloga reconhecida pela aplicação da Teoria *Queer* na teologia Cristã. Graduada em Teologia, pelo Instituto Superior Evangélico de Estudos Teológicos, em Buenos Aires, faleceu em 2009, tendo trabalhado na Universidade de Edimburgo, como professora de Teologia Contextual. Althaus-Reid tem importantes publicações sobre a temática *queer* no contexto teológico, dentre elas, destacam-se as obras *Indecent theology* (2000), traduzida para o espanhol (2005) e *The Queer God* (2003), traduzida para o italiano e, recentemente, para o português.

Para melhor compreensão da obra de Althaus-Reid, é fundamental perceber sua ligação com as lutas populares de sua época, principalmente com os períodos ditatoriais das décadas de 1960 e 1970. A autora afirma que lança mão de um instrumental marxista de compreensão do mundo, por meio do materialismo histórico. (ALTHAUS-REID, 2008) No intuito de explicar sua teologia engajada com as lutas sociais, ela apresenta uma metáfora sobre cadeiras ao redor da mesa.

A metáfora de uma grande mesa eucarística, cercada de cadeiras suficiente para todos(as), não é apenas uma imagem fraternal, mas uma metáfora econômica de inclusividade preocupada com a criação de um modelo alternativo de sociedade participativa. Ou seja, de uma sociedade onde pão e vinho não serão o produto de condições de trabalho exploradoras, mas, ao contrário, o fruto do trabalho libertador de comunidades em que pão e vinho sobre a mesa serão um direito. (ALTHAUS-REID, 2006, p. 456)

Althaus-Reid transita entre o discurso teológico e o social como sendo uma via de mão dupla, na qual a luta pela libertação econômica passa pela libertação teológica dos corpos. Seu contexto pessoal, tendo nascido na periferia da Argentina e vivido os golpes de 1966 e 1976, que estabeleceram ditaduras naquele país, é importante para que houvesse em suas obras um interesse com a causa dos pobres e marginalizados. Althaus-Reid (2005, p. 16, tradução nossa²) conta: “fui [...] uma mulher pobre das ruas de Buenos Aires e sou suficientemente indecente para refletir com honestidade teológica sobre questões que afetam as mulheres, sobre a luta econômica, as imagens de Deus e o fluxo dos desejos sexuais”.

² Fui [...] una pobre mujer de las calles de Buenos Aires, y soy suficientemente indecente para poder reflexionar con honradez teológica sobre cuestiones que afectan a la mujer, sobre la pugna económica, las imágenes de Dios y el fluir de los deseos sexuales.



Sobre sua proposta de uma Teologia Indecente, Althaus-Reid (2005) explica que:

Teologia indecente nada mais é do que aquela que questiona e desnuda as camadas míticas da opressão múltipla na América Latina, uma teologia que, tomando o ponto de partida na encruzilhada da Teologia da Libertação e do pensamento *queer*, refletirá sobre a opressão econômica e teológica com paixão e imprudência. Uma teologia indecente questionará o tradicional campo latino-americano da decência e a ordem que permeia e sustenta as múltiplas estruturas (eclesiológica, política e amorosa) da vida em meu país, Argentina, e em meu continente. (ALTHAUS-REID, 2005, p. 12, tradução nossa³)

A Teologia Indecente é o nome dado à sua proposta teológica *queer*, que se dá em um processo de subversão que busca tirar a ‘decência’ da hermenêutica tradicional cristã. Althaus-Reid propõe uma teologia contextual, ou seja, feita a partir do ‘chão da vida’, de suas experiências, de sua biografia. A teóloga afirma que as narrativas religiosas de dissidentes sexuais e de gênero são marcadamente biográficas. “A Teologia Queer é uma teologia em primeira pessoa: diaspórica, autorrevelatória, autobiográfica e responsável por todas as suas palavras”. (ALTHAUS-REID, 2019, p. 26) Ao aproximar-se dos estudos *queer*, a Teologia Indecente requer ser uma teologia contextual de gênero que se distancie de uma teologia branca, ocidental, androcêntrica, heterossexual e cisgênera.

Os estudos *queer* têm uma contribuição fundamental para a Teologia Indecente ao incluírem o mundo da vida e da religião das dissidentes sexuais e de gênero, não absolutizando a forma de conhecimento, admitindo, assim, sua provisoriedade histórica. A proposta contextual de Althaus-Reid busca referir-se ao contexto de um grupo humano específico. “O cotidiano das pessoas sempre nos dá um ponto de partida para o processo de configuração de uma teologia contextual sem exclusões, neste caso, sem excluir a sexualidade que se discute em meio à miséria”. (ALTHAUS-REID, 2005, p. 15, tradução nossa⁴) A compreensão de Althaus-Reid sobre teologia é de uma ‘arte incoerente’.

Teologia é basicamente uma arte incoerente. Se usássemos uma metáfora inspirada no Novo Testamento, diríamos que a teologia é a arte de se deitar na cama com Deus, embora evitando o sexo pleno. Afinal, é a primeira coisa que a fé cristã nos ensina: que o

³ *Teología indecente no es sino la que cuestiona y desnuda las míticas capas de opresión múltiple en Latinoamérica, una teología que tomando el punto de partida en la encrucijada de la teología de la liberación y el pensamiento queer se reflejará en opresión económica y teológica con pasión e imprudencia. Una teología indecente cuestionará el campo latino americano tradicional de la decencia y el orden que impregna y sostiene las múltiples estructuras (eclesiológicas, políticas y amorosas) de la vida en mi país, Argentina, y en mi continente.*

⁴ *La vida cotidiana de la gente nos aporta siempre un punto de partida para el proceso de configurar una teología contextual sin exclusiones, en este caso, sin excluir la sexualidad que se debate en mitad de la miseria.*



início da relação histórica entre Deus encarnado e a humanidade se encontra na metáfora de ir para a cama com Deus pela primeira vez (e única) e sem camisinha. Assim foi a experiência de Maria. Se a primeira Eva tem uma inclinação fetichista por uma cobra, a segunda optou por sexo desprotegido com um Deus-nuvem. As metáforas sexuais que determinam o início das construções simbólicas religiosas são assim, caóticas, imprevisíveis e imorais. (ALTHAUS-REID, 2005, p. 40, tradução nossa⁵)

A ‘arte incoerente’ de Althaus-Reid trabalha a partir de metáforas sexuais. A arte aqui é a manifestação criativa do ser humano. Do latim *ars*, arte é a capacidade de criar algo, entretanto, é do grego *tékne* que ela apresenta importantes características para essa perspectiva teológica. Segundo Morando⁶, de *tékne* deriva a palavra ‘técnica’ na língua portuguesa, no sentido de “elaboração criativa, de domínio do técnico sobre a criação, da originalidade e do potencial de reflexão sobre o próprio ato de criação e o contexto que o cerca”. Nesse sentido, enquanto a arte como *ars* garante a continuidade da criação, a arte como *tékne* garante sua ruptura.

Althaus-Reid rompe, cria, recria suas imagens de Deus, permitindo que Deus seja achado encarnado e pleno de desejos. Os desejos do Deus-humano vão ao encontro do humano-Deus, que, por meio de sua corporeidade, compreende o mundo. A ‘arte incoerente’ de Althaus-Reid é criada em meio à tensão moral. Ousar ir para a cama com Deus é a invocação de uma intimidade que toca os limites estabelecidos pelo cristianismo hegemônico. A tradição cristã coloca Deus em um trono, a ousadia artística teológica o(a) leva para a cama.

Althaus-Reid (2004) compara sua proposta hermenêutica indecente a uma proposta pós-colonial. Segundo a teóloga, ambas articulam um “processo de de-hegemonização” que “estica o nexos patriarcal”. Os aportes usados a partir do pós-colonialismo têm o objetivo de criar outras formas de pensamento teológico fundamentadas nas experiências de fé a partir da América Latina. A perspectiva teológica indecente parte da mulher, do corpo da mulher, pois esse era o corpo da teóloga.

O ponto em comum entre o pós-colonialismo e a hermenêutica indecente é que a mulher não reivindica o essencialismo e nem o sujeito colonial deseja fazê-lo. No entanto, as

⁵ *La teología es básicamente un arte incoherente. Si fuéramos a usar una metáfora inspirada en el Nuevo Testamento diríamos que la teología es el arte de meterse en cama con Dios aunque evitando el sexo pleno. Después de todo, es lo primero que la fe Cristiana nos enseña: que el comienzo de la relación histórica entre Dios encarnado y la humanidad se encuentra en la metáfora de encamarse con Dios por primera (y única) vez y sin condón. Así fuera la experiencia de María. Si la primera Eva tevé inclinación fetichista por una serpiente, la segunda optó por el sexo desprotegido con un Dios-nube. Las metáforas sexuales que determinan los inicios de las construcciones simbólicas religiosas son así, caóticas, imprevisibles e inmorales.*

⁶ Informação verbalmente concedida pelo Prof. Luiz Morando, em 29 de novembro de 2019.



mulheres não conseguem encontrar um tempo ou um local para tradições de espiritualidade não-patriarcais ou para um sistema econômico diferente. Não temos uma linguagem de mulheres ou um sistema alternativo de mulheres que se refira ou contraste com o modelo colonial, embora tenhamos nossas próprias tradições culturais, políticas e religiosas reprimidas semelhantes, mas também diferentes do sistema patriarcal ocidental. (ALTHAUS-REID, 2004, p. 85, tradução nossa⁷)

As similaridades e diferenças que Althaus-Reid (2004) identifica com o sistema patriarcal ocidental revelam tensão nas vivências do cristianismo na América Latina. É justamente nas fissuras causadas por essa tensão que a teóloga cria, recria e subverte outras possibilidades teológicas na qual não somente a Bíblia é relida, mas toda a construção religiosa que se dá por meio dela.

Althaus-Reid propõe sua Teologia Indecente a partir da categoria de *indecentamiento*, verbete que foi traduzido por Mora Grisales (2016) por *indecentar*. Indecentar a teologia é uma “proposta radical de questionamento à base heterossexual da teologia, da economia e da política. Não se trata, porém, de substituir um discurso pelo outro, mas de quebrar a ‘máquina produtora’ (AGAMBEN, 2014) de decências enquanto dispositivos de controle”. (MORA GRISALES, 2016, p. 106)

Althaus-Reid propõe não somente o uso da categoria de gênero como instrumento de análise, como também a sexualidade - o que considera um avanço epistemológico. Essa hermenêutica sexual coloca sob suspeita a decência da tradição cristã hegemônica. Para tanto, a teóloga propõe um “círculo hermenêutico libertino”, baseado em sua leitura dos escritos eróticos de Marques de Sade. Segundo Mora Grisales (2016, p. 117):

[...] a autora apela ao uso hermenêutico dos textos de Sade para mostrar, por exemplo, como os excessos, entre os quais se encontram detalhadas orgias imaginadas, podem interpelar ideias totalitárias como a obediência. Trata-se de aprender o jogo teórico-discursivo e subverter através de excessos. [...] Segundo a autora, uma olhada à paisagem libertina epistemológica de Sade pode conectar com os próprios contextos epistemológicos e nos permitir questionar a teologia e pensar criticamente as relações nas quais participamos.

⁷ *The commonality between post-colonialism and Indecent hermeneutics is that woman do not claim essentialism and neither does the colonial subject want to do so. However, women cannot find a time or a location for traditions of non-patriarchal spirituality or a different economic system. We do not have a women's language or a women's alternative system to refer to and contrast with the colonial model, although we do have our own suppressed cultural, political and religious traditions similar but also different from the western patriarchal system.*



O método hermenêutico de Althaus-Reid dialoga com a poesia, com a literatura. Seguindo essa proposta de intertextualidade, Boehler (2013) propõe uma leitura teológica erótica a partir dos escritos de Marcella Althaus-Reid e de Adélia Prado. O encontro dessas duas dá-se em um ambiente de *indecentamiento*, no qual a leitura de uma penetra a leitura da outra, em uma íntima relação na qual a descoberta dá-se no encontro. Assim, o erótico é compreendido como elemento teológico de acesso ao Divino, pois percebe o corpo como o caminho para a aproximação do humano com o Sagrado. Para Boehler, essa é uma outra possibilidade teológica.

Com o resgate desta outra visão teológica, proponho, portanto, a interpelação sob novo prisma de verdades e certezas constituídas a partir de paradigmas excludentes e essencialistas, permitindo assim a reconfiguração de determinadas questões e problemas, relacionadas nas transformações das identidades e culturas de gênero. Esta outra vertente possibilita interrogar-nos criticamente sobre a natureza da teologia e da qualidade da nossa religiosidade, buscando alternativas teoricamente fundadas para as respostas que damos a tais interrogações, desde o humano: corpo, erótico e sexuado. (BOEHLER, 2013, p. 45)

A compreensão de um corpo não mutilado, que é reservatório de desejos e fonte de prazer, é fundamental para o método althaus-reidiano. Entretanto, vale a ressalva de que sua proposta de leitura da realidade, a partir de escritos eróticos e também da Bíblia por meio de um processo de *indecentamiento*, não se baseia, necessariamente, em uma hermenêutica ou exegese que necessite do aval das escrituras. Segundo Mora Grisales (2016, p. 119), “a autora não busca legitimidade na Bíblia. Ao invés disso [...], há uma denúncia sobre os textos bíblicos e sua produção de narrativas jurídico-teológicas que funcionam para regular os corpos, fixando sentidos e papéis atemporais”. A Teologia Indecente permite construções teológicas que se distanciam do texto como mediador da relação do humano com o Sagrado. A pergunta de Althaus-Reid não é “o que a Bíblia diz sobre a homossexualidade?”, mas sim “o que a minha vida diz sobre a Bíblia?”⁸.

Assim, rompendo com a ideologia cristã hegemônica, sua proposta indecente prevê uma mudança da estrutura sexual por meio da crítica aos binarismos – certo e errado, moral e imoral, sagrado e profano – em um processo de exposição que a autora, a princípio, nomeou sua teologia de ‘fora do armário’, entretanto logo passou a chamá-la de “uma teologia sem roupa íntima”. Primeiro, porque não pressupõe uma suposta neutralidade teológica sexual, mas compreende a

⁸ Essa conclusão assemelha-se a proposta por Mora Grisales (2016), que diz que a teologia sexual não perguntaria “O que Jesus diz sobre minha sexualidade?” e sim “O que minha sexualidade (do jeito que é) diz sobre Deus, sobre Jesus, sobre a salvação?”.



necessidade de uma teologia que declare abertamente seus interesses sexuais, denunciando, assim, a formação ideológica sexual no cristianismo. Segundo, porque questiona o papel da teóloga e sua integridade teológica com relação ao seu contexto de sexualidade, ampliando a suspeita por meio de uma hermenêutica que radicalize propostas anteriores. (ALTHAUS-REID, 2008)

A autora resiste aos discursos da religião cishétero-hegemônica pois acredita que as construções econômicas e políticas se dão por meio da experiência sexual ou da interpretação que a ela se dá. A “teologia é um ato sexual”, afirma Althaus-Reid (2008), que intervém diretamente na construção ideológica de Deus, preocupando-se com as regulações e discursos controladores baseados em “alienações heterossexuais”, que naturalizam o debate da sexualidade e da decência.

Althaus-Reid propõe uma teologia “sem roupa íntima” na qual o sujeito sexual é o alvo da práxis teológica. Importante ressaltar que esse sujeito sexual não é apenas o considerado desviante sexual e de gênero, pois, para a teóloga, a heterossexualidade também é aprisionada por meio de padrões fixados de masculinidade e feminilidade. Segundo Althaus-Reid (2005, p. 53, tradução nossa⁹), “as pessoas heterossexuais na América Latina também vivem em armários asfixiantes”. Existem padrões sociais de como ser mulher e como ser homem que engessam as possibilidades de experiência de ser. Ao homem, por exemplo, é ensinado que não deve chorar; à mulher, que não deve se sentar de pernas abertas. Em um fluxo padronizante, pessoas heterossexuais são reduzidas a estereótipos de gênero. A Teologia Indecente, nesse sentido, pretende ser libertária, por meio de “mudanças revolucionárias” que possibilitem ao ser sexual a vivência plena de sua sexualidade e de sua identidade de gênero.

Partindo das margens da imprecisão e da incompatibilidade, a autora propõe um processo de conscientização, que implica no questionamento de problematização das realidades dadas. Para ela, a justiça caminha com a sensualidade e com o amor: “Não há hímen que as separe”! (ALTHAUS-REID, 2005, p. 100, tradução nossa¹⁰) Essa é uma teologia membranosa, que põe em dúvida a estabilidade do sistema teológico e sexual, afinal, “a teologia nunca é ingênua, nem inocente, nem neutra do ponto de vista sexual”. (ALTHAUS-REID, 2005, p. 127, tradução nossa¹¹)

⁹ *Las personas heterosexuales en Latinoamérica también viven en asfixiantes armarios.*

¹⁰ *No hay himen que las separe.*

¹¹ *[...] la teología no es nunca inocua ni inocente ni neutra desde el punto de vista sexual.*



O método de *indecientamiento* de Althaus-Reid deve ser entendido como “elemento de paixão arrebatadora”, com o objetivo de organização sexual nas batalhas políticas. Primeiro, determina os fragmentos, as fissuras e os elementos frágeis; segundo, escolhe diferentes atores para essa produção evangélica. A epistemologia da autora propõe reescrever a ideologia, a teologia e a sexualidade por meio de uma ‘per-versão’ (assim grafado pela autora, com hífen, a fim de comunicar a ideia de ‘outra versão’ e de *indecientamiento*) dos fatos. Segundo Morando¹², perversão tem duas formas latinas: *perversus* e *pervertere*. Como *perversus* tem o sentido de “virado, posto às avessas, feito contra a regra, desordenado”; já como *pervertere* tem o sentido de “virar às avessas, desordenar, deitar a perder, arruinar, destruir, corromper, viciar”. Em ambos os casos, o tom transgressor é fundamental para compreender a ‘per-versão’ proposta pela teóloga.

O princípio da perversão teológica é a proposta metodológica de ruptura com a tradição hegemônica cristã, por meio da indecência como conceito que reconstrói grandezas teológicas, através da inclusão da sexualidade como categoria de análise. Seu objetivo é outra versão do dado teológico, por meio da valorização de narrativas do Sagrado que são feitas por sujeitos desviantes da norma sexual e de gênero. Sua consequência é uma teologia que (des)reconstrói tanto a imagem do Sagrado – e suas imagens de opressão – quanto a do sujeito teológico – e sua sexualidade.

3. Eucaristia: o pão nosso de cada dia obrai hoje

Althaus-Reid (2005), por meio do princípio da perversão teológica, propõe análises teológicas ‘per-vertidas’ da tradição cristã, como, por exemplo, da Eucaristia. O rito eucarístico faz parte da tradição cristã, e sua liturgia segue a denominação que representa. Na Igreja Católica Romana, por exemplo, a Eucaristia acontece em todas as missas e é quando são ofertados pelo sacerdote “o corpo e o sangue de Cristo”. Segundo a tradição cristã, o rito teria sido instituído pelo próprio Jesus por ocasião de sua ceia com seus discípulos antes de sua morte. A narrativa bíblica conta (cf. Marcos 14:22-24) que “enquanto comiam, ele (Jesus) tomou um pão, abençoou, partiu-o e lhes deu, dizendo: ‘Tomai, isto é o meu corpo’. Depois, tomou o cálice, rendeu graças, deu a eles, e todos dele beberam. E disse-lhes: ‘Isto é o meu sangue, o sangue da Aliança, que é derramado em favor de muitos’”.

¹² Informação verbalmente concedida pelo Prof. Luiz Morando, em 29 de novembro de 2019.



Para as tradições cristãs, a Eucaristia (também conhecida como Santa Ceia ou Comunhão) pode ser compreendida como ‘memória’, ou seja, a Eucaristia traz à memória Jesus, mas pode também ser compreendida como transubstanciação, como explica Alves (2014, p. 39):

A eucaristia é uma metamorfose alquímica pela qual uma substância é transformada em outra: o pão e o vinho se tornam carne e sangue. Quem como o pão e bebe o vinho come a carne e bebe o sangue. Eucaristia é antropofagia. A essa magia os teólogos medievais davam o nome de transubstanciação: uma substância se transforma em outra.

A ideia de Eucaristia como transubstanciação - ou seja, os elementos da Ceia realmente se transformam no corpo e no sangue de Jesus - é usada por Althaus-Reid (2005) como elemento a ser subvertido por meio de seu método de *indecentamiento*. A teóloga interpreta a Eucaristia como um ‘fetiche’ do pão e do vinho. A partir da compreensão de que o pão da Eucaristia é o corpo de Jesus, Althaus-Reid (2005) propõe a reflexão de que o pão que é comido é, também, excretado. A ideia de um elemento sagrado sendo excretado subverte toda a lógica higienista da religião. Ao Sagrado é destinado o espaço da reverência, do altar, da santidade, da separação, é uma perversão teológica enunciar o Sagrado percorrendo todo o trato digestivo. A ideia do Sagrado que passa pelo cu é, no mínimo, obscena. Obscenidade aqui não somente como algo contrário à decência e ao pudor, mas contrário à lógica religiosa que cria um sujeito religioso amputado, que não pode dispor de todo o seu corpo na experiência religiosa.

A menção de cu em um contexto religioso causa algum desconforto, mesmo para os mais progressistas. O cu deve ser compreendido não somente como algo físico, mas como linguagem, isso porque a palavra cu não remete somente ao seu significado original, mas à proibição, à negatividade, ao insulto. Como lembram Sáez e Carrascosa (2016, p. 29), “você limpa-o, mas, sempre, volta a se sujar”. Pensar em um Jesus que se suja pode causar repulsa para alguns, mas libertação para outros.

Fonseca (2010) questionou:

Por que Deus, o criador de tudo o que existe no Universo, ao dar existência ao ser humano, ao tirá-lo do Nada, destinou-o a defecar? Teria Deus, ao atribuir-nos essa irrevogável função de transformar em merda tudo o que comemos, revelado sua incapacidade de criar um ser perfeito? Ou sua vontade era essa, fazer-nos assim toscos? Ergo, a merda? (FONSECA, 2010, p. 9)



Jesus, compreendido como humano, não é apenas aquele que defeca, mas se compreendido a partir do rito eucarístico proposto por Althaus-Reid, Jesus é também o defecado. Ele entra, é degustado, é digerido, percorre cada parte do corpo em uma unidade divina. A afirmação bíblica “Eu e o Pai somos um” (cf. João 10, 30), perversamente se torna “Eu e o cu somos um”.

Mombaça (2015), a partir de Grada Kilomba¹³, explica que “a norma da heterossexualidade compulsória produziu o cu como lugar de excreção e não-prazer”. Existe uma territorialização arbitrária do corpo, que reduz o cu e as possibilidades de interpretação desse órgão. Para Mombaça (2015) “a interdição do cu nos corpos adequados à norma heterocissexista torna possível a manutenção do gênero como ideal regulatório atrelado à heterossexualidade como regime político”. O dispositivo de sexualidade que pressupõe a manutenção do gênero como binários fixos e lança a mão de controles políticos por meio da interdição do cu, ou seja, o cu é aprisionado por um sistema que o pacifica e o reduz.

Tradicionalmente, o cu é símbolo do homossexual também no contexto da religião cristã, pois o ser humano acaba sendo reduzido a ele, ou seja, a homossexualidade é reduzida à homogenitalidade. Muitas interpretações bíblicas sobre a homossexualidade acabam se inserindo neste contexto, pois consideram como sendo pecado o ato, a prática sexual, e não o homossexual em si. Um homossexual que se abstém da prática sexual não seria considerado como pecador e é justamente nessa interpretação que surgem afirmações do tipo: “Deus odeia o pecado, mas ama o pecador”.

A redução do ser humano a seu cu, segundo Sáez e Carrascosa (2016), tem uma identificação entre o direito e o sexo. O cu não seria considerado humano, então, a pessoa (o homossexual) não é humana e, portanto, não é compreendida como cidadã de direitos. Essa relação de poder que se estabelece na redução do humano é um caminho de violação de direitos civis e, também, religiosos. A análise filosófica proposta por Sáez e Carrascosa (2016) defende a tese de que por detrás da vigilância da sexualidade está a vigilância de classe.

O grave não é o ato em si da penetração, mas se quem a recebe é uma pessoa de classe alta, um homem livre e, sobretudo, que desfrute com isso. O que scandaliza não é o sexo em si, mas o deslizamento de classe social que supõe, o adotar uma posição que só deve ter o escravo. (SÁEZ; CARRASCOSA, 2016, p. 55)

¹³ Jota Mombaça usa a imagem proposta por Grada Kilomba sobre uma máscara que era colocada nos negros escravizados, para impedir que eles comessem nas plantações.



Para os autores, o cu está intrinsecamente ligado à passividade. O passivo é reduzido ao cu, não é considerado um cidadão de direitos, fundamentalmente porque o conflito está nas relações de classe, as quais se manifestam, também, na sexualidade. Essa relação entre a sexualidade e a classe propostas por Sáez e Carrascosa (2016) é justamente o que Althaus-Reid tenta escancarar por meio de sua perversão teológica. Sua proposta de *indecientamiento* tem o objetivo de denunciar as questões econômicas que estão por detrás do enquadramento moralizante da sexualidade pelo cristianismo hegemônico.

Tomando essa perspectiva de crítica às hierarquias de classe, ao subverter a higienização da Eucaristia, que tradicionalmente afirma o desfazimento completo do corpo transubstanciado de Jesus na boca do fiel, Althaus-Reid, ao afirmar que o pão que entra pela boca é o mesmo que é excretado, perverte o pão, ou seja, ele passa a ser percebido não somente como símbolo, mas também como pão em si. O símbolo seria desfeito na boca, o pão em si leva em consideração desde a mão de obra injustamente paga pelo sistema do capital até o corpo que o come. A autora questiona, assim, todos os processos de aprisionamento daquele símbolo. Fazer o pão, comer o pão, excretar o pão são etapas de uma experiência que pode ser opressora ou libertadora.

O Jesus excretado é o Jesus desprezado. Excremento, em seu sentido figurado, significa “indivíduo ou coisa desprezível”. (MICHAELIS, 2019) Jesus pode ser interpretado como o desprezado de Isaías 53, 3¹⁴: “Era desprezado e abandonado pelos homens, homem sujeito à dor, familiarizado com o sofrimento, como pessoa de quem todos escondem o rosto; desprezado, não fazíamos caso nenhum dele”. Jesus também pode ser interpretado como a pedra rejeitada da comunidade mateana (cf. Mateus 21, 42a): “Disse-lhe então Jesus: Nunca lestes nas Escrituras: ‘A pedra que os construtores rejeitaram tornou-se a pedra angular’”. O Jesus desprezado é o vulnerável, é o pobre da Teologia da Libertação, a mulher da Teologia Feminista, o negro da Teologia Negra, o dissidente sexual e de gênero da Teologia *Queer*, o per-vertido da Teologia Indecente.

A perversão do pão proposta por Althaus-Reid (2005) é um exemplo de seu exercício teológico de *indecientamiento*. A religião é lida a partir do corpo, de seus fluidos, de seus buracos. O corpo teológico de Althaus-Reid tem sexo, gênero, classe, raça, sua hermenêutica indecente percebe a sexualidade como parte importante do agenciamento dos corpos por meio de uma economia do sexo. Para a autora, toda a teologia é sexual e a sexualidade é economia, por

¹⁴ O “desprezado” do livro de Isaías faz menção a um “messias davídico”. Existem leituras feitas a partir da chave de leitura de Jesus, que o interpretam como sendo Jesus ou um “tipo de” Jesus por isso chamado de “Servo Sofredor”. (Isaías 52, 13 – 53, 12)



isso, o que está por trás – e também pela frente e pelos lados – da Teologia Indecente é uma crítica ao sistema econômico de injustiça que subalterniza corpos, por meio dos discursos teológicos de opressão e negação da integralidade da vida.

4. Considerações finais

A Teologia Indecente de Althaus-Reid permite que novas construções teológicas sejam possíveis quando sujeitos e realidades, outrora excluídos do fazer teológico, refletem sobre a fé a partir da experiência real de luta pela liberdade. A proposta teórica da teóloga *queer* cria alicerces que permitem outra compreensão do que se é experimentado como vivência de fé.

Diante das perversões de Althaus-Reid, se torna impossível pensar apenas em um cristianismo ou em apenas um tipo de possibilidade relacional entre o cristianismo e a sexualidade. A presença de dissidentes sexuais e de gênero no fazer teológico - afinal Althaus-Reid se afirmava poliamorosa - reconfigura todo o status da tradição religiosa, permitindo que o corpo excluído também seja agente de outras possibilidades teológicas. O tensionamento entre a tradição hegemônica e os discursos dissidentes sobre a religião criam fissuras por onde os líquidos e os fluidos da indecência podem passar.

Referências

- A Bíblia de Jerusalém. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2004.
- AGAMBEN, G. *Nudez*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.
- ALTHAUS-REID, M. M. Demitologizando a Teologia da Libertação. Reflexões sobre poder, pobreza e sexualidade. In: SUSIN, L. C. (org.). *Teologia para outro mundo possível*. São Paulo: Paulinas, 2006.
- ALTHAUS-REID, M. M. *Deus queer*. Rio de Janeiro: Metanoia, 2019.
- ALTHAUS-REID, M. M. *La teología indecente: perversiones teológicas en sexo, género y política*. Barcelona: Edicions Bellaterra, 2005.
- ALTHAUS-REID, M. M. Marx en un bar gay. La Teología Indecente como una Reflexión sobre la Teología de la Liberación y la Sexualidad. *Numen: revista de estudos e pesquisa da religião, Juiz de Fora*, v. 11, n. 1, p. 55-69, 2008. Disponível em: <https://bit.ly/3msCtqF>. Acesso em: 23 fev. 2019.
- ALTHAUS-REID, M. M. On wearing skirts without underwear: poor women contesting Christ. In: ALTHAUS-REID, M. M. *From feminist theology to indecent theology*. London: SCM Press, 2004.
- Dr. Marcella Althaus-Reid: Profile. *LGBTQ Religious Archives Network*, Chicago, 2009. Disponível em: <https://bit.ly/3mFTltO>. Acesso em: 17 set. 2019.



- ALVES, R. *Variações sobre o prazer*. São Paulo: Planeta, 2014.
- BOEHLER, G. *Quando elas se beijam o mundo se transforma: o erótico em Adélia Prado e Marcella Althaus-Reid*. Rio de Janeiro: Metanoia, 2013.
- CÓRDOVA QUERO, H. Marcella Althaus-Reid: Saint of a sexually embodied spirituality. *Jesus in Love Blog*, 2014. Disponível em: <https://bit.ly/33BACYW>. Acesso em: 12 mar. 2019.
- EXCREMENTO. In: MICHAELIS Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 13 abr. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/37tEFJ>. Acesso em: 28 mar. 2019.
- FONSECA, R. *Secreções, excreções e desatinos*. Rio de Janeiro: Agir, 2010.
- KILOMBA, G. *Plantation Memories: Episodes of Everyday Racism*. Münster: Unrast, 2008.
- MOMBAÇA, J. Pode um cu mestiço falar? *Medium*, 6 jan. 2015. Disponível em: <https://bit.ly/35jKbg6>. Acesso em: 01 abr. 2019.
- MORA GRISALES, O. M. *Rastros de Eros: intuições sobre uma er/ética possível*. 2016. 209 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião). – Escola de Comunicação, Educação e Humanidades, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/36sEFJ9>. Acesso em: 1 dez.. 2020.
- MUSSKOPF, A. S. *Via(da)gens teológicas: itinerários para uma teologia queer no Brasil*. 2008. 525 f. Tese (Doutorado em Teologia) – Faculdades EST, São Leopoldo, 2008.
- SÁEZ, J.; CARRASCOSA, S. *Pelo cu: políticas anais*. Tradução: Rafael Leopoldo. Belo Horizonte: Letramento, 2016.

